

O SAMBA CAIPIRA COMO PROCESSO COMUNICACIONAL

Jéssica de Almeida Bastida Raszl¹

Resumo

O artigo é dedicado à pluralidade do Samba Paulista, especificamente sobre o Samba Caipira e o processo comunicacional exercido pelo estilo, que consegue, com suas apresentações tradicionais, manter o gênero em diálogo com a atualidade. A partir de ideias de Flusser, Lotman e Pross, procura-se avaliar o samba como processo comunicacional e de troca cultural.

Palavras-chave: Samba, Pirapora, Samba Paulista, Trocas Culturais, Hibridização, Comunicação e Cultura.

Uma breve história do samba no Brasil, em especial, o Samba Paulista

Animação, excitação e alegria são adjetivos que podem ser relacionados ao samba. Tanto em Luba, cidade da Guiné Equatorial, capital da província de Bioko Sur, como em outras línguas bantas, em Luanda o samba ainda é dançado assim. Ao som de tambores, o samba passa a se chamar umbigada, exatamente pelos africanos dançarem com os corpos juntos e umbigos próximos.

Os sambas são compostos com frases menores, sem repetição, e o estilo veio como gênero musical para o Brasil por volta da segunda metade do século 19, com suas descendências africanas.

Como esclarece Silva (2010), a cultura, portanto, além de um sistema de signos, forma um grande texto que se auto-regula, *autodescreve* e é composto por séries de outros textos diversificados, o que forma uma Semiosfera, o cosmo *sígnico* de cada cultura. Novos textos se formam por meio de contaminações esponjosas nas fronteiras da semiosfera, nos encontros dialógicos de culturas, na mestiçagem.²

¹ Uniso-Universidade de Sorocaba, Mestrado em Comunicação e Cultura - jessica.raszl@prof.uniso.br.

² SILVA, Mirian Cristina Carlos Em Contribuições de Iuri Lotman para a comunicação: sobre a complexidade do signo poético. Teorias da comunicação [recurso eletrônico] : trajetórias investigativas / Giovandro Marcus Ferreira , Antonio Hohlfeldt , Luiz C. Martino, Osvaldo J. de Moraes, organizadores ... [L L.]. – Porto Alegre: EdIPUCRS, 2010.

Assim, o ritmo passa a tomar corpo pelo Brasil e fazer uma comunicação em forma de música com os brasileiros, o samba que conhecemos hoje, com as informações que foram trocadas em diferentes regiões, sendo assim, o samba deixa sua marca cultural, agora hibridizada com a cultura brasileira e absorvendo os elementos culturais de cada estado e se transformando em cada região.

Segundo Flusser³, a comunicação humana é inatural, pois armazena informações adquiridas de geração em geração. Conforme foi evoluindo, o homem encontrou truques para conseguir acumular informações adquiridas. Para um cristão, tudo é arte e obra de Deus, já para um filósofo do século XVIII tudo é natureza. A diferença entre essas naturezas depende do posicionamento de cada pesquisador.

Do ponto de vista natural, esse armazenamento de informações é um processo de acúmulo de informações: um epiciclo. Já visto do ponto de vista da existência ou formal, é uma tentativa de negar a natureza lá fora como também a natureza do homem. No humanístico, é um fenômeno de liberdade.

De acordo com Flusser (2007), a comunicação dialógica acontece para que sejam produzidas informações, os homens trocam diferentes elementos disponíveis com o intuito de sintetizar uma nova informação. Já na comunicação discursiva, para preservar e manter a informação adquirida, os homens compartilham informações existentes na esperança de que, quando compartilhadas, possam resistir ao efeito entrópico da natureza. Nenhuma existe sem a outra.

A diferença entre elas, segundo Flusser, é que para que surja um diálogo, é preciso que sejam colhidas informações de discursos anteriores. E cada discurso é parte de um diálogo. Não existe falta de comunicação, existe falta de diálogos efetivos. Trocar informações com o propósito de gerar novas informações.

Com o samba, como um processo comunicacional, não é diferente, pois este está sujeito às transformações dialógicas e discursivas.

O conceito Lotmaniano de texto artístico é como se fosse um sinônimo de signo poético, segundo Silva (2010). Lotman entende a linguagem como uma complexa forma de relação, caracterizada sempre pela troca. O samba faz esse intercâmbio, entre a linguagem e a

³ FLUSSER, Vilém. O que é Comunicação. O Mundo Codificado. Ed. Cosac Naify, 2007.

cultura. Como resultado desse intercâmbio de linguagem e cultura, novas configurações de códigos são absorvidas na memória do sistema.

Quando a música afro, o semba⁴ chega ao Brasil, a cultura então, além de ser um sistema de signos, forma um grande texto que é composto por séries de outros textos e a partir disso, novos textos se formam por meio de contaminações esponjosas. O samba deriva dessas contaminações, por meio de outras linguagens, outros signos.

O corpo como meio de comunicação realiza uma ligação entre um emissor e um receptor (ambos podem estar em uma única pessoa). Assim, entende-se o samba como uma forma complexa de comunicação, estruturada como um texto artístico, no qual o corpo é o fundamento.

Quando a palavra samba é citada, principalmente quando se fala de seu surgimento, logo o Estado da Bahia é pensado como berço ou o Rio de Janeiro, discorrido por vezes como anfitrião por sua festa mundialmente conhecida que é o carnaval.

Em São Paulo, os primeiros sambas de que se tem notícia nasceram quando da importação de escravos do nordeste brasileiro para trabalhar nas lavouras de café, no século XVIII, e, posteriormente, no bairro da Barra Funda, onde muitos negros trabalhavam como carregadores de café na linha do trem, sendo essenciais para o nascimento do Samba Paulista.⁵

Esses batuques que tiveram grande importância para a formação do samba de bumbo estavam situados em alguns locais específicos:

Os batuques que deram origem ao Samba de Bumbo, por sua vez, estarão concentrados na região centro-oeste do Estado, ao longo das antigas rotas bandeirantes – rio Tietê (hoje em dia, relativamente margeado pela Rodovia Castelo Branco), caminho de Goiás (atual Rodovia Anhangüera) e caminho de Mato Grosso (atual Rodovia Washington Luís) (MANZATTI, 2005, p.82)

O ritmo se popularizou em meados de 1920, após a gravação em vinil de “Pelo Telephone”, composta por Donga (Ernesto Joaquim Maria dos Santos, compositor e violonista) e Mauro de Almeida, sendo um marco dentro da história do samba por ser

⁴ Semba é um dos estilos musicais mais populares de Angola. A palavra semba significa umbigada em quimbundo (língua de Angola).

⁵ MANZATTI, Marcelo Simon. Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciências Sociais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005

considerada a primeira composição a alcançar sucesso com a marca de samba, cooperando para a popularização do gênero.

“Foi o definitivo reconhecimento, o sucesso de uma música de negros, que ainda pelas palavras do autor, entende-se que pelo preconceito sofrido ainda precisava ser maquiada para ser aceita” (SIQUEIRA, 2012, pag. 106)

Segundo Siqueira, Donga denominou sua música como tango-samba carnavalesco para que a música não fosse censurada e se adaptasse aos padrões da época.

“Conta o cronista Vagalume que, ao perguntar a Donga o que este desejava, ele teria respondido: Apenas uma notícia que acabo de compor um tango-samba carnavalesco, com letra de Mauro”. (SIQUEIRA, 2012, pag. 106)

O assunto ainda é tema polêmico quanto a seu surgimento, porém, o samba “Pelo telephone” diferente de outras melodias que haviam sido gravadas anteriormente não tinham as características do ritmo samba.

Siqueira (2012) afirma que, a palavra samba que até 1917 era usada para indicar agrupamento ou até mesmo uma festa, passou a dar nome a um gênero de música. [...]

Ora discriminado e tido como manifestação negativa, hoje pode ser reconhecido como comunicação transformadora daquela época, que permitia, através das suas letras, que os seguidores e apreciadores pudessem conhecer a diversidade cultural existente no País.

Em Pirapora

"Eu era menino mamãe disse *vamo* embora você vai ser batizado no samba de Pirapora" ⁶

Por muito tempo, o Samba Paulista manteve sua cultura extremamente preservada nos sambas rurais. Conhecido como samba de roda, ora samba de bumbo, ora de samba-lenço e também como samba rural, ficou popularmente conhecido apenas como batuque. E isso foi o bastante para o ritmo tornar-se marca cultural da cidade de Pirapora.

No interior de São Paulo e nas regiões mais periféricas, o branco e o negro caipira realizavam suas festas movidas a samba. Normalmente eram festas religiosas, especialmente

⁶ FILME, Geraldo. Batuque de Pirapora.

as celebradas em homenagem a São João, Santos Reis, Nossa Senhora Aparecida, Bom Jesus e também São Benedito.

Depois da celebração religiosa, as festas eram regadas de bebidas alcoólicas e alimentos, além de movimentos culturais e religiosos, por vezes profanos, e o Samba de Bumbo sempre se fazia presente. Esses elementos foram importantes pois demonstravam fatores de resistência daquele povo que queria continuar a cultivar a cultura afro por meio de suas danças e também de enraizar uma possível troca cultural entre essas distintas culturas, mas que juntas poderiam formar um grande movimento.

A cidade de Pirapora do Bom Jesus é bastante visitada por estudantes, tanto de escolas de Ensino Médio quanto de Universidades, por jornalistas, repórteres e profissionais da imagem e som, todos interessados, de alguma forma, em realizar pesquisa sobre o samba de bumbo na cidade. Há, portanto, por parte dos sambadores e responsáveis por ajudar estes interessados em seus trabalhos, um repertório pronto sobre o samba de bumbo na cidade, o qual tende a indicar poucas pessoas legitimadas para falar do samba, sejam estes sambadores ou representantes da prefeitura local.⁷

Pirapora foi ponto de encontro de grandes sambistas no final do século XIX e início dos anos XX, onde grupos de sambadores se reuniam na festa de São Bom Jesus.

Bairros rurais da cidade, que ligavam Campinas à cidade de São Paulo, foram locais de grande significado desses grupos, formados em sua grande maioria por mulheres, que usavam o corpo como mídia primária, como forma de comunicação e meio de transmissão.

De acordo com a teoria de Harry Pross, o corpo é o primeiro meio de comunicação do ser humano e conforme sua evolução, mesmo em contato com outros corpos pode ser classificado como primário.

[...] toda comunicação humana parte da mídia primária, na qual os participantes individuais se encontram cara a cara e presentes em um mesmo momento, e toda comunicação humana retorna a esse ponto. (PROSS, 1971, p.128)

Pode ser considerada também, como mídia primária, segundo Pross, pelos gestos com a cabeça, com as mãos, com os ombros e o do corpo. Além da risada, movimento dos cabelos, olhos ou cicatrizes e todos os movimentos que o corpo remete constantemente.

A relação entre corpo e espírito é expressa através de gestos, e é capaz de produzir uma impressão nos outros. Expressão e impressão podem ser conscientes ou inconscientes, de modo que aquele que expressa frequentemente não saiba a razão de

⁷ Na batida do bumbo: um estudo etnográfico do samba na cidade de Pirapora do Bom Jesus - SP / Fernanda de Freitas Dias. - São Paulo

ter passado certa impressão, e o impressionado pode vir a reagir de alguma forma, sem saber o que o levou a tal reação. (PROSS, 1971, p.129)

As sambadoras de Pirapora se utilizam até hoje de suas saias rodadas e floridas para tornar esses rituais ainda mais alegres, podemos considerar a partir disso, segundo Pross, uma mídia secundária.

Pross (1971) classifica a mídia secundária como —aqueles meios de comunicação que transportam a mensagem de um emissor para um receptor, sem que este necessite de um suporte para captar o significado da mensagem, portanto são Mídia Secundária a imagem, a escrita, o impresso, a gravura, a fotografia, a carta, o panfleto, o livro, a revista, o jornal (...).

A mídia secundária acontece quando o emissor usa de um suporte para atingir sua mensagem. No caso o emissor é a dançarina e o suporte a vestimenta. E se esse corpo está sendo utilizado para passar uma mensagem, ele passa a ser mídia.

Pirapora em tupi-guarani quer dizer “peixe que pula”, mas infelizmente, hoje, com a poluição do Rio Tietê, a comprovação do nome é impossível de ser reconhecida. Mas quando se conhece os sambadores de Pirapora, o “peixe que pula” é reconhecido através desses personagens.

Segundo a antropóloga Von Simson (2009), os grupos se apresentavam em Pirapora dançando uma variedade do samba rural que diferia de samba de umbigada ou batuque, pois nessa performance não acontecia a tradicional umbigada.⁸

O samba, como uma linguagem de intercâmbio entre a linguagem popular e oligarquia da época, não foi formado apenas por negros, escravos e pobres. Teve também a participação de “[...] jovens da classe média, brancos letrados a um ambiente marginalizado, negro, semiletrado, mas puro”.⁹

Sendo contrário às origens do samba, que começou como um gênero predominantemente do sexo masculino, com a gravação de “Pelo Telephone” por Donga, ou com a presença de Cartola, Ataulfo Alves, Noel Rosa, Adoniran Barbosa, Candeia, Wilson Batista, Nelson Cavaquinho, Paulinho da Viola e muitos outros homens que conseguiram nos

⁸ VON SIMSON, Olga R. de Moraes . O Cupinzeiro: o samba paulista e suas histórias : textos, depoimentos orais, músicas e imagens na reconstrução da trajetória de uma manifestação da cultura popular paulista. Centro de Memória, UNICAMP, 2009.

⁹ SUKMAM, HUGO. Análise: Briga entre sambistas traduz mudança no gênero em sua saída do gueto. Folha de S. Paulo, São Paulo, 12 Jun. 2013.

dias atuais tornar o samba um símbolo de identidade nacional, elegendo até um dia oficial¹⁰ como só seu e que é comemorado em dois de dezembro, uma interprete feminina representa o samba e o sexo feminino em Pirapora, a sambadora central do Samba de Pirapora, Dona Maria Esther de Camargo Lara.

O samba de Pirapora tem até hoje Dona Maria Esther que, com seus 83 anos, deixa clara a presença mítica, assumindo um papel como um personagem do Samba de Pirapora, uma estrela. É um mito da mídia samba e faz parte da indústria do entretenimento da Cidade, adquirindo assim fama e sobrevivendo graças à sua exposição midiática e feminina quando rodopia sua saia rodada e envolve aos espectadores com sua voz estridente e sua maquiagem exagerada. Dona Maria Esther é a mais conhecida personagem desse grupo.

A validade que seu personagem tem e o papel que os textos culturais desempenham – os do mito e os da mídia, no caso os da sambadora e os do samba – conseguem, por meio de metáforas, contar histórias, contar estrelas e contar fatos.

E também, quando afirmam textos acadêmicos como Na batida do bumbo: um estudo etnográfico do samba na cidade de Pirapora do Bom Jesus – SP, de Fernanda de Freitas Dias ou o vídeo documentário Samba e Roda, Samba Caipira de Pirapora de Bom Jesus, exibem uma representante do grupo que anseia que seja apenas ela a fonte oficial para quem quiser saber mais sobre o tema. E quando isso não acontece, ela faz questão de não se manifestar:

Ao falar de seu não comparecimento na entrevista marcada, Dona Maria Esther alegou ser muito procurada, e por isso mesmo sem muito tempo para conversar, o que, de certa forma, evidenciou um certo despeito da sambadora, conhecida por sua personalidade intempestiva, pelo fato dela não ser a única integrante do grupo ouvida pela pesquisadora.

Devido a estes percalços não foi possível a gravação de nenhuma entrevista com a sambadora.¹¹

Existem diversos artigos acadêmicos, como Em Uma Leitura do Samba Rural ao Samba urbano na cidade de São Paulo, do Geógrafo Márcio Marcelino que usa a trajetória do samba se baseando em como ele foi geograficamente modificado. A cada região em que o

¹⁰ Foi instituído em várias cidades do Brasil, inicialmente em 1940 em Salvador, mas se tornou nacional em 1963.

¹¹ Na batida do bumbo: um estudo etnográfico do samba na cidade de Pirapora do Bom Jesus - SP / Fernanda de Freitas Dias. - São Paulo

samba foi sendo inserido, com a emancipação dos negros em diferentes regiões do Estado de São Paulo, do Rio de Janeiro e da Bahia o Samba Caipira passa a se tornar urbanizado.

As composições passam a ter uma linguagem cotidiana, com fatos e acontecimentos corriqueiros das cidades. A urbanização passa a fazer parte também do Samba Caipira.

Como já foi citado anteriormente, o Samba paulista deriva da imigração de negros, que foram escravizados para trabalharem nas lavouras de café do Estado de São Paulo. Sendo assim, existe vasta biografia sobre o assunto. Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o Samba de bumbo ou Samba Rural paulista, é o tema da dissertação de Marcelo Manzati e o texto fala especificamente do surgimento do samba e é dedicado aos grupos de Samba Caipira que até hoje representam o samba como é desde seu surgimento. E faz, uma análise dos grupos de bumbo da cidade de Pirapora e também das cidades periféricas, onde o Samba Rural ainda permanece em evidência e é cultuado por grupos de estudo e dança dessas cidades e também, além de ser a porta de entrada de Pirapora para o restante do interior de São Paulo.

Na Cidade de Bom Jesus de Pirapora, existe um Museu do Samba Paulista, que contém registros de que o samba nasceu em Pirapora. O originário do Samba de Bumbo, Roda ou Umbigada, passa a ser um código na cidade e sempre que é falado de Samba Caipira, a cidade é lembrada como território inicial.

Uma marca cultural da cidade começa a ser formada com a mistura de bumbos africanos, batuques do candomblé, maquiagens fortes e vozes femininas estridentes.

Após a abolição da escravatura, os ex-escravos e seus descendentes continuaram a frequentar Pirapora durante as Romarias e datas festivas. No começo do século 20, foram construídos dois barracões para abrigar os romeiros que não tinham onde se hospedar, os negros ficavam nestes barracões e ali mesmo realizavam o samba. Eram negros provenientes de São Paulo e do interior paulista, municípios como Campinas do samba Campineiro, Tietê, Capivari, Piracicaba, Sorocaba, Tatuí e outras cidades faziam de Pirapora o seu ponto de encontro.¹²

Algumas músicas cantadas pelo Grupo são de autoria da cantora Maria Esther e contam a história de Pirapora, que sempre em suas apresentações começam com uma oração para agradecer as apresentações do Grupo. Além disso, a sambadora também coloca em suas

¹² O samba nasceu em Pirapora. Disponível em <<http://www.piraporadobomjesus.sp.gov.br/historia/o-samba-paulista-nasceu-em-pirapora>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

letras melodias que provocam a política e a polícia da cidade, feitas quando o samba era proibido

Neste sentido, ressaltam-se como um processo dialógico de comunicação, carregado de respostas contra a ideologia dominante na época, produzindo uma espécie de contracultura. Em um dos vídeos utilizados para essa pesquisa, “Samba e Roda: Samba Caipira de Pirapora de Bom Jesus”¹³ que tem o apoio da Funart - Fundação Nacional das Artes, Dona Maria Esther conta que chegou a ser presa em uma das apresentações, porém, conseguiu fugir e “pular a cerca do quartel”, como ela mesmo conta. Pendurada na cerca, para afrontar o policial, disse que fez um refrão que até hoje é cantado nas apresentações. Assim:

“Se o senhor soubesse, o valor que o samba tem, largava a delegacia e vinha sambar também”.

Os corpos das dançarinas, como mídia em evidência, passa a ser a mídia fundamental como objeto para exaltação. Como mídia primária, os corpos, nessa extensa troca de informação entre grupo e público, explode como comunicação de todo esse cenário, gerando capilaridades.

O samba, como é feito hoje na cidade de Pirapora, continua relatando em suas letras a vida cotidiana, que é compreender o comum, às pessoas comuns. A vida cotidiana, por ser muito complexa e de difícil explicação, pode ficar mais fácil quando manifestada em forma de poesia ou música. E isso, os sambadores de Pirapora sabem como fazer.

O grupo de Pirapora de Bom Jesus ainda mantém a tradição do Samba Caipira e mantém em seu repertório um pouco de ritmo africano, dança e louvor ao santo padroeiro.

O grupo utiliza linguagem verbal em suas canções faladas com um português simples e de fácil entendimento. Relatam os acontecimentos do dia a dia e normalmente as músicas vêm compostas por frases ligadas à religião, à amizade, à cidade de Pirapora e também ao relacionamento interpessoal e até mesmo sexual, porém relatado de forma branda ou com dosagem de humor. A linguagem utilizada em suas canções, permite traduções do Samba Caipira para a linguagem do samba atual e da vida atual, apesar das músicas terem sido compostas há décadas, porém, sem autoria estabelecida ou reconhecida. Desta forma, o samba é ele mesmo uma mídia, capaz de relatar, explicar, registrar e perenizar o cotidiano.

¹³ Samba e Roda, Samba Caipira de Pirapora de Bom Jesus. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=MB4HDE-zIMc>. Acesso em: 02 Set. 2013.

A coisa tá feia
A coisa tá preta
Quem não for filho de Deus
Tá na unha do Capeta

Quem não é filho de Deus
Tá na unha do capeta

Quem não for filho de Deus
Tá na unha do Capeta

Ou sambas que tentam resgatar a identidade do samba caipira, assim:

Eu Venho Vindo
Chegando Agora
Vim Visitar meu Bom Jesus de Pirapora

Oieee Eu vim visitar
Bom Jesus de Pirapora
Eu vim visitar
Bom Jesus de Pirapora

Oieee eu vim mata saudade
Bom Jesus de Pirapora¹⁴

O olhar de Mário de Andrade sob o samba rural

O escritor Mário de Andrade, em 1937, fez um estudo na cidade sobre esse tipo de samba. Ele cita nessa carta como foi a reunião dessas pessoas na maioria negros e os descendentes que se reuniam para dançar o samba.

Segundo Andrade (1937), eram formados cordões que davam noção de coletividade, um grupo ou associação de indivíduos de ambos os sexos com seus instrumentos e que eram liderados por um chefe, o chamado “dono do samba”. Mas chefe no sentido de comandar e não mandar ou obrigar a alguma coisa, já que os dançadores estavam ali por gostarem de estar. O autor cita os instrumentos tocados pelo grupo e a partir disso é possível perceber a influência da cultura africana sobre o “ritual”. Toda a apresentação passa a ser um cenário particular e com participação ativa da cultura local na qual o corpo em evidência, ganha uma dimensão fundamental como mídia primária (Pross) e como um texto cultural (Lotman).

¹⁴ O samba acima é de autoria da sambadora oficial do Grupo Maria Esther.

O dono do samba se mantém sempre no centro da fila dos instrumentistas e ele que determina o início de cada dança, segundo Andrade (1937).

As mulheres são apenas dançarinas no Samba de Pirapora, quando Andrade (1937) escreveu a carta. Diferente das sambistas de agora em que o fato de serem mulheres não é mais um obstáculo e que são aceitas por todo tipo de público como é o caso de Beth Carvalho, Leci Brandão, Alcione além da Jovelina Pérola Negra, Ivone Lara e a Clara Nunes. Mas na época do surgimento do samba de bumbo, as mulheres nunca tocavam.

Já os homens, além de tocar qualquer instrumento podiam troca-los entre si e os passavam um para o outro, assim como as bebidas alcoólicas ou simplesmente “pinga” como cita o autor, que era passada pelo “dono do samba”, que circulava entre os sambadores com uma garrafa e um copo de pinga.

Andrade cita também os integrantes e suas figurações, pois estes os levavam em suas costas um chifre enorme que continha dois litros e meio de cachaça. Além disso, os instrumentistas segundo o poeta se aglomeravam em torno do chifre para exaltar seu conteúdo e tudo isso fazia parte do sistema do samba.

As participações dos sambadores, apesar de serem ministrados por um “dono”, um sambador responsável por puxar o samba. São importantes também, pois o solista canta a todo momento, improvisando, e o coro responde à música ou à pergunta feita pelo sambador oficial e o bumbo é sempre forte e estridente. Esse diálogo acontece a todo o momento, assim como as dançarinas no centro da roda, que rodopiam suas saias coloridas feitas de tecido simples.

A carta escrita por Andrade em 1937 foi baseada em uma noite do dia 14 de fevereiro de 1831 e o autor afirma que a dança coletiva era uma coreografia que colocava em evidência os corpos e assim, a sexualidade. Cita inclusive um casal de sambadores, e o momento em que o tocador e a dançarina se olham com ar sensual.

Nunca senti maior sensação artística de sexualidade, que diante daquele par cujo contato físico era no entanto realizado através dum grande bumbo. Era sensualidade? Deve ser isso que fez tantos viajantes e cronistas chamarem de indecentes os sambas de negros. (ANDRADE, 1937)

No final do texto, o autor cita a terminologia da palavra samba que designa, segundo ele, as danças da noite e especificamente as danças daquela noite presenciada por ele.

E finaliza usando a terminologia utilizada entre os negros presentes que adotam a palavra samba como a dança acontecida naquela noite. Assim: “Tanto se diz “ontem o samba esteve melhor” como “agora sou eu que tiro o samba.”

Um dos maiores compositores do Samba Paulista, Geraldo Filme, que desde criança frequentava a festa de Bom Jesus com seus pais, após quase morrer quando criança, acometido por uma grave doença, seus pais fizeram uma promessa ao Santo de Bom Jesus de Pirapora. Assim, se ele mesmo se curasse, os pais vestiriam o menino de anjo e fariam a procissão pela cidade. A promessa não pôde ser cumprida, mas anos mais tarde virou samba (como já foi visto na citação da introdução deste capítulo).

Hoje, na cidade de Pirapora existe um Centro de Memória do Samba Paulista, chamado de Casa do Samba, em que consta um acervo sobre o ritmo, além de se apresentar no local grupo de Samba Caipira. O grupo mantém a tradição do Samba Rural para que os moradores da cidade conheçam a história do Samba Paulista e também os visitantes sejam recebidos acaloradamente pelos sambadores e suas histórias, estórias, poesias e alentos.

O que se pode considerar, é que o samba revela a importância do corpo como mídia, em um processo comunicacional que enfatiza as trocas culturais, nos gestos, cantos e expressões das sambadoras, bem como da mídia secundária, a roupa que utilizam e que permitem uma constante reatualização das raízes brasileiras, mestiças desde sempre.

Referências

FLUSSER, Vilém. **O que é Comunicação**. O Mundo Codificado. Ed. Cosac Naify, 2007.

LOTMAN, Iuri M. **La Semiosfera I: Semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Cátedra, 1996.

SIQUEIRA, Magno B. **Samba e Identidade Nacional das origens à Era Vargas**, 2012

SILVA, Mirian Cristina Carlos Em Contribuições de Iuri Lotman para a comunicação: sobre a complexidade do signo poético. **Teorias da comunicação [recurso eletrônico] : trajetórias investigativas** / Giovandro Marcus Ferreira , Antonio Hohlfeldt , Luiz C. Martino, Osvando J. de Moraes, organizadores ... [L L.]. – Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes . **O Cupinzeiro: o samba paulista e suas histórias : textos, depoimentos orais, músicas e imagens na reconstrução da trajetória de uma manifestação da cultura popular paulista**. Centro de Memória, UNICAMP, 2009.

SUKMAM, Hugo. Análise: Briga entre sambistas traduz mudança no gênero em sua saída do gueto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 Jun. 2013. Ilustrada, E1, p.E1

ANDRADE, Mário. Samba rural paulista" In CARNEIRO, Edson (Org.). **Antologia do Negro Brasileiro**. 1933

LEANDRO, Anabela. Samba na Fazenda do Brasão Geraldo de Resende" - Olhares. Revista SARAO, vol. I, nº 6, fevereiro 2003

MANZATTI, Marcelo Simon. **Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista**. 2005. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciências Sociais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,

DIAS, Fernanda de Freitas. **Na batida do bumbo: um estudo etnográfico do samba na cidade de Pirapora do Bom Jesus - SP** / Fernanda de Freitas Dias. - São Paulo